

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Titãs da Civilização

Ocidental



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Nogueira, Rafael

Titãs da Civilização Ocidental: Aula 1

ISBN:

1. História do mundo antigo

CDD 930

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

Como compreender um texto que estamos lendo? Como construir uma crítica literária adequadamente? Mais: como saber quais livros escolher dentre tantos? Nesta primeira aula do curso “Titãs da Civilização Ocidental”, o professor Rafael Nogueira responde a essas perguntas e dá outras dicas valiosas para os estudos das obras que serão abordadas nas aulas seguintes.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: o que são a leitura inspeccional, a leitura pessoal e a leitura sintópica; como identificar a unidade de um livro; como escolher livros para ler; como realizar uma leitura analítica das obras e construir uma crítica a respeito do que é lido.

INTRODUÇÃO

Esta aula introdutória é a respeito da boa leitura, de como ler bem. Ler, neste caso, não está fazendo referência à capacidade de decifrar letras, palavras, e dizê-las oralmente, mas à capacidade de penetrar na mensagem, de compreender adequadamente aquilo que foi lido e conseguir reproduzir, com outras palavras, aquilo que foi entendido. Além disso, compreender que nem tudo é uma mensagem didática de um autor ao seu leitor. Algumas coisas são expressões de experiências e de impressões. Na poesia lírica, por exemplo, parece que o poeta faz do leitor um instrumento musical e com as palavras muito bem escolhidas, muito bem selecionadas, para tocar dentro da sensibilidade deste e para usar a língua com uma certa sonoridade, que remonte no leitor lembranças. As lembranças são do leitor, não do autor. Isso não é uma mensagem didática, é uma experiência. A poesia traz uma experiência que, de alguma forma, vincula-se com a experiência do leitor, que quase nunca é a mesma. Há uma intersecção entre a experiência do leitor e a experiência do escritor. Isso demonstra que ler é uma tarefa muito mais difícil do que parece.

Existem níveis de leitura. Algumas pessoas realmente conseguem decifrar as letras, as palavras. Outras, conseguem interpretar mensagens simples. Outras, conseguem interpretar mensagens complexas, mas não tem noção de diversos gêneros literários e não conseguem ler textos mais profundos, perdendo-se no meio de romances. Há, ainda, aqueles que conseguem ler bem leitura ficcional, teoria política, filosofia, mas não conseguem ler sobre outros assuntos e temas. Algumas

peças são *experts* em leitura em uma única área, porque estudam para se aprimorar somente na sua área, não só de conhecimento, mas de atuação profissional. Isso é uma desgraça para inteligência.

O desenvolvimento da inteligência exige muito mais do que aprender certas técnicas universais. Por técnicas universais, refiro-me àquelas técnicas dadas para toda e qualquer criança, para todo e qualquer adolescente, e que conferem os diplomas, respectivamente, de ensino fundamental e de ensino médio. Muito mais nos é exigido depois, na universidade.

Poucas pessoas têm a compreensão de que a educação não é apenas ficar conquistando um diploma atrás do outro. A educação é uma espécie de dever de todo ser humano, que tem cérebro. Se você tem capacidade de entender, de observar, de compreender, de reunir dados de observação e de leitura, de pensar, de refletir, é preciso desenvolver isso. É necessária a compreensão de que a inteligência precisa de um trabalho contínuo para se desenvolver e de que a escola nem sempre é suficiente. Mesmo na escola, uma criança pode ter uma insuficiência no desenvolvimento de sua inteligência.

Toda essa explicação foi para explicar aquela frase inicial de que quase ninguém sabe ler no Brasil hoje, pelo menos no sentido que estou empregando de “ler”. As pessoas leem o básico e os aspectos das suas áreas de especialidade.

O Objetivo desta aula introdutória é ajudar todos os alunos a ler melhor, a ler no sentido de compreender vários gêneros literários, ler adequadamente filosofia, romance, poesia lírica, e até mesmo fontes históricas, como cartas, diários, autobiografias. Como ler essas fontes históricas sem confusão é um questionamento que proponho e que ajudarei a responder.

Por que titãs?

Por que chamei o curso de “Titãs da civilização ocidental”? Titãs, presente no título, refere-se aos clássicos. E, novamente, digo clássicos em um sentido muito especial. Quais são esses titãs e de que forma uso a palavra clássico?

Antes de responder a essas perguntas, quero fazer uma observação: eu faço um discurso sobre o significado das palavras que estou utilizando porque o autor dos livros e o orador podem colaborar com a compreensão. Aprender a ler também é aprender a falar e escrever. Fiquem atentos em como construo o meu discurso.

Aristóteles já dizia que o desenvolvimento da inteligência é uma das missões da nossa vida e uma das maneiras de sermos felizes.

Observação encerrada, continuemos. Os clássicos são os livros mais recomendados e os considerados mais importantes. Contudo, nem sempre são os mais lidos. Muitas vezes, os livros mais lidos, os *best sellers*, são aqueles que não nos instruem muito e nem nos trazem experiências significativas. Não adianta, portanto, comparar o que estou chamando de clássico com a lista dos livros mais vendidos. Isso não é intercambiável.

Por um lado, os clássicos são livros que passaram pelo teste do tempo. Daí, os titãs da civilização ocidental são aqueles autores que também passaram pelo teste do tempo, no sentido de que ainda influenciam e/ou ainda instruem. Às vezes, essas duas características não estão juntas, pois alguns autores atrapalham a nossa inteligência e são considerados clássicos porque ainda exercem muita influência. Se não o lemos, não vamos entender da onde vem essa influência e exatamente o que ela é. Há alunos meus que se recusam a ler Marx. Se você não quiser abordar esse assunto e prefere calar a sua opinião, não há problema. Mas se a pessoa quer tratar deste tema, quer entrar em discussões, é de bom tom ter lido algum escrito do autor.

Por isso, em nossos estudos aqui, comentaremos o “Manifesto do Partido Comunista”. O nome “Titãs da civilização ocidental” se deve ao fato de que teremos uma breve conversa com cada um dos autores. Estes podem ser tanto aqueles que mais ensinaram o ocidente quanto aqueles que mais o influenciaram, ainda que atrapalhando.

No mito grego, um de nossos temas, por sinal, também existiu uma guerra entre Deuses. Os titãs eram de um time e os deuses olímpicos eram de outro. É mais ou menos assim que acontece, pois existe uma desavença entre autores com os quais trabalharemos. Isso faz parte. Faz parte que os clássicos tenham visões diferentes ou até que se ignorem mutuamente.

Os clássicos, às vezes, estão em bancas de jornal e em postos de gasolina, ou seja, são populares em alguma medida. Os nomes deles aparecem em aulas, em conversas comuns. Ouve-se falar em Victor Hugo, sobretudo depois do filme “Os miseráveis”. Ouve-se falar do próprio Camões, nos “Lusíadas”. Ao mesmo tempo, no entanto, as pessoas não leem essas obras. Machado de Assis também é muito recordado. Você ouve falar em Platão, em Aristóteles, e os livros aparecem em novelas eventualmente, nas mãos de um personagem a quem se quer dar ares de

inteligente. Esses livros são populares não no sentido de que são simplórios, mas no sentido de que as pessoas os conhecem muitas vezes. No entanto, esses livros não são vulgares.

Esses livros também não são pedantes. Não vemos Sócrates agindo pedantemente, se achando porque sabe alguma coisa. Pelo contrário. E nem se sente em Platão o desejo de se gabar do que sabe ou qualquer atitude do tipo. Não há nem simplismo nem pedantismo, mas são livros populares, pois os nomes dos livros e dos autores circulam.

A boa escrita e a boa leitura

Outra característica é serem legíveis, uma vez que os autores, em geral, escrevem bem. Heidegger, embora do século 20, já é considerado um grande autor da filosofia. Seus textos não são fáceis de ler, mas a maioria dos autores, dos grandes pensadores da civilização ocidental, escreviam bem. Se eles escreviam bem, usando as técnicas genéricas de leitura, é possível extrair do texto o melhor dele. São textos legíveis.

A arte de escrever bem está muito relacionada à arte de ler bem. Parece que há uma mútua colaboração. O bom leitor se beneficia do bom autor e este muitas vezes conta com o bom leitor. Ou seja, entrega mais ao bom leitor. É como se o autor guardasse um pouco do tesouro das pessoas que leem mal. Àquele que lê bem, o autor entrega o tesouro. Para aquele que lê mal, apenas uma parte é entregue. O bom leitor vai ser aquele habilitado a receber, simbolicamente, o conhecimento mais valioso, porque o bom autor, o bom escritor, preparou o texto dessa forma.

Então, se esses autores são os mais influentes, vamos compreender quais são as ideias que mais circulam nas cabeças das pessoas mais poderosas. Existe uma diferença entre o grupo das pessoas poderosas e a maioria das pessoas. Muitas pesquisas só enfocam o que a maioria faz, mas esquecem de segmentar atendo-se à maioria com poder. Então, se um autor é pouco lido pela maioria da população, mas é muito lido pela maioria que detém o poder, ele é muito influente, é importante lê-lo.

Como eu mencionei, há aqueles clássicos que mais instruem, ou seja, aqueles autores que mais deixam o seu leitor inteligente. O bom romancista e o bom escritor de história são aqueles que fazem parecer que os eventos estão acontecendo na nossa frente.

Há como experimentarmos grandes coisas se trouxermos para a conversa os grandes escritores, os grandes historiadores.

Outro aspecto interessante é que esses titãs e esses clássicos tratam dos grandes mistérios da vida, aqueles mistérios que assombram a vida. Aristóteles dizia que a filosofia vem do assombro. É uma das traduções possíveis. Encontramos também a palavra espanto. De qualquer forma, alguns mistérios assombram as pessoas de todas as classes sociais, de todos os graus de instrução. São mistérios que nos assombram a todos e nos causam espanto.

Alguns problemas são permanentemente insolúveis. Outros, não. Estes vão se resolvendo conforme as inteligências vão se dedicando a eles. Então, todos podemos entrar nessa aventura. Esse é um convite para isso. A inteligência vai se desenvolver. Em “Metafísica”, Aristóteles afirma que o pensar mais elevado surge do assombro, do espanto. Vamos enfrentar esses mistérios.

As fontes de inspiração

Vamos começar, nas próximas aulas, com exemplos daqueles que se educaram mediante a leitura dos livros clássicos. Ou seja, mediante o contato com os titãs da civilização. Alguns não foram à escola, alguns tinham muito dinheiro, alguns não tinham nada. Eu selecionei dois em especial: Benjamin Franklin e o José Bonifácio. José Bonifácio escreveu em seu diário que o melhor que aprendeu, aprendeu com seu próprio esforço de ler os grandes livros. O Benjamin Franklin nos entrega um valioso exemplo de vida na sua autobiografia. Vou falar como os grandes livros levaram José Bonifácio e Benjamin Franklin a serem quem foram.

O Bonifácio nasceu em Santos, no século 18, em uma capitania muito pobre. São Paulo, inclusive, era o lugar mais pobre do Brasil, o contrário do que é hoje. Só que Bonifácio pertencia à segunda família mais rica da Vila de Santos. Por isso, pode ter o melhor estudo, naquele meio de estudos escassos, e pode ingressar na universidade de Coimbra. Foi o próprio Bonifácio quem atribuiu aos seus esforços de leitura o melhor que ele aprendeu.

Essa seleção de livros começa com a autobiografia do Franklin e com a biografia do Bonifácio. Outras pessoas também serão citadas. Eu trarei o exemplo da Imperatriz Leopoldina, pois conheço bem a educação que teve como arquiduquesa na Áustria. Também tratarei dos pais fundadores dos Estados Unidos cujas biografias conheço bem e do próprio Lincoln, que foi presidente norte-americano. Eu convido

vocês a refletirem, a pensarem, a tentarem lembrar, se conhecem algum exemplo de pessoa que está viva hoje ou de uma personalidade histórica que tenha se educado só pelos livros ou que tenha atribuído à boa leitura dos grandes livros o melhor de sua educação. Essa maneira de se educar é uma das mais eficazes.

O Brasil, até o século 19, até o início do Império, tinha muito poucos livros em circulação. Eu não sou nenhum americanófilo a ponto de dizer que os Estados Unidos eram muito superiores ao Brasil. Pelo contrário, sou muito patriota e gosto muito da nossa história. Mas isso, a escassez de livros circulando, foi um problema para o país. Nos Estados Unidos, como famílias inteiras haviam ido morar lá, desde aquela época, havia o hábito de fazerem leituras em conjunto. Essas leituras em conjunto, leituras familiares, transformaram os Estados Unidos em um povo que lê. Tanto é que, por isso, vou falar do Lincoln. Na próxima aula, trarei um pouco da biografia dele, mas quero adiantar o seguinte: o Lincoln foi criado para ser e era um lenhador. No entanto, ele possuía uma estante de livros clássicos em sua casa. Ele estudou pelos livros e se esforçou para entender cada um.

Referências e a Leitura Social

Muito do que trouxe e vou trazer para vocês, muitas ideias e técnicas, eu aprendi com Mortimer Adler, um americano, que escreveu o livro "*How to read a book*", traduzido para o Brasil com o título "Como ler livros". Esse autor me ajudou muito. Os americanos têm essa habilidade adquirida por gerações.

E, como eu falei que existe essa leitura familiar, quero trazer para vocês uma informação que poucos conhecem. A leitura, por muito tempo na história, foi um evento social, não um evento individual. Ficar parado, diante de um livro, olhando para ele, não é a única maneira de você lidar com um livro. Antes da Primeira Guerra Mundial, nos séculos 18 e 19, uma outra forma se manifestava. Na França, nos famosos cafés como o *Le Procope*, onde se reuniam Voltaire e seus amigos. Na Inglaterra, as pessoas se reuniam em salões. Podemos observar isso em alguns filmes, como as adaptações dos romances da Jane Austen. A própria Jane Austen escrevia assim: ela redigia um capítulo e lia para um grupo. Portanto, a leitura era social. Hoje, se eu começar a ler algo para os alunos, a maioria deles, depois de uns 30 segundos, vai perder a atenção e não vai conseguir acompanhar. Perdemos a capacidade de acompanhar a leitura oralizada. Ao mesmo tempo, a habilidade de ler bem também é rara.

Caso vocês venham a formar grupos para lerem minhas indicações, escolham ao menos um pedaço e o leiam em conjunto, conversem sobre ele e depois assistam à aula. Isso vai ajudar muito. Assim podemos transformar a leitura, e até o diálogo a respeito da leitura, em um evento social. É muito melhor assim. Entre nós, ler é um pouco doloroso. Apesar de ser como qualquer outro, é um esforço. Se você faz isso solitariamente e não tem ninguém para comunicar suas ideias, a atividade vai ficar cada vez mais sofrida e difícil. Ao ler, você vai perder um tempo de vida social. Isso é natural e necessário. Durante algum tempo, é assim mesmo. Mas, se você estiver lendo algo que outros estão lendo, reúnam-se para ler trechos em conjunto e para conversar sobre a leitura. Com isso, podemos criar, no Brasil, uma nova forma de sociabilidade capaz de mostrar que a leitura pode ser um prazer. Eu não sou daqueles que defendem que a leitura é um prazer em si. Leitura, para mim, é esforço. O prazer da leitura está no aprendizado. No entanto, este só vem no final, depois de muito sofrer. Você vai ter trabalho para adquirir um conhecimento que está registrado em um livro. Um trabalho, diga-se de passagem, muito menor do que o do escritor. Se este escreveu e podemos adquirir os conhecimentos que desenvolveu, às vezes com uma vida de estudos, só com o trabalho de ler, vamos em frente. Há prazer no ato de ler. Pode existir prazer nessa sociabilidade. Amigos lendo juntos, descobrindo coisas novas juntos, aprendendo e ficando mais inteligentes juntos.

Conjecturas

Foquemos nossa atenção em uma base geral da técnica de ler. A partir da terceira aula, percorreremos um percurso cronológico. Na próxima aula, meu objetivo é provar para vocês, por A + B, com os exemplos de vida que trarei, que isso é um modo de educação. É uma educação para inteligências grandes e livres. É uma educação que te leva longe e, ao mesmo tempo, liberta-te de seguir somente os parâmetros da escola e da universidade. Remontaremos à Grécia Antiga e quero que vocês observem que vou recomendar textos do mito, textos do teatro, diálogos filosóficos e teses filosóficas (tratados filosóficos). Só no período que estudaremos da Grécia vocês aprenderão a ler, no mínimo, quatro gêneros literários diferentes. Eu escolhi os autores minuciosamente. Vocês vão perceber que é possível ler. Além disso, vou conceder uma ambientação histórica. Perpassaremos Roma, a Antiguidade Cristã, a Idade Média, a Modernidade e a idade Contemporânea. Vamos ler esses textos, dialogar a respeito deles, definir as principais palavras de cada um.

Esse é o nosso combinado. Em nossa última aula, vamos comentar alguns livros do professor Olavo de Carvalho. Nesta trajetória, veremos a portugalidade, pois quero trazer um pouco de língua portuguesa bem escrita. No caso das traduções, nem sempre o tradutor é um grande escritor, e eu não quero que vocês acessem as mentes dos grandes autores. Eu quero que vocês vejam como eles transformaram as suas experiências e as suas ideias em algo transparente. Isso exige habilidade da língua, do idioma. Os grandes autores de língua portuguesa também serão indicados. Inclusive, trouxe algumas coisas para já indicar técnicas gerais de leitura.

As técnicas de leitura

Sobre as técnicas de leitura, vou transmitir muito daquilo que aprendi com o Adler, algo daquilo que aprendi com o professor Olavo de Carvalho e certos ensinamentos que aprendi com a minha própria experiência. Aqui, estou entregando para vocês um fruto de muita experiência com livros e de muito estudo. Adler, nas duas versões do livro “A arte de ler”, expõe regras um pouco diferentes. Vou explicá-las do meu jeito. Caso alguém tenha curiosidade de saber a referência de cada técnica, basta me perguntar depois.

Quando você tem um livro em mãos, você precisa primeiro fazer uma inspeção básica, uma espécie de sondagem. Conforme você for lendo livros, melhores vão ficando as sondagens. Quanto mais “cru” você é, mais difícil fazer isso. Eu vou dar algumas dicas que vão aprimorar a sua capacidade de fazer essa sondagem, mas, é claro, quanto mais leituras, melhor.

Primeiro, você tem que verificar o quanto sabe sobre o autor do livro. Eu, por exemplo, estou com um livro do Jorge Caldeira, que inclusive já foi entrevistado pela Brasil Paralelo, e que possui alguns livros muito bons sobre história do Brasil. Como ainda está vivo, Jorge Caldeira é um autor contemporâneo. Ele está revisando algumas teses assentadas pela historiografia brasileira. Essa breve afirmação torna possível perceber que ele é um tanto independente, conquanto tenha doutorado pela USP. Caldeira fundou a sua própria editora, chamada Mameluco, para poder publicar seus livros, pois não conseguiria fazê-lo de outra maneira. O livro que tenho em mãos é uma de suas obras mais recentes. Com essas informações, você monta um desenho. Como você faz isso? Muitas vezes, essas informações estão presentes nas orelhas dos livros. Se você não sabe nada do autor, verifique antes nestas partes. Neste, está na orelha do verso do livro. Consta que “Jorge Caldeira, nascido em 1955,

é um escritor, doutor em Ciência Política e Mestre em sociologia pela Universidade de São Paulo. Foi editor da *Ilustrada* e da *Revista Folha*, suplementos da *Folha de São Paulo*. Editor de economia da revista *Isto é* e editor-executivo da revista *Exame*. É autor, entre outros, 'Mauá - Empresário do Império', 'O banqueiro do sertão' e 'Júlio Mesquita e seu tempo'. Você já percebeu que ele escreveu muito, esteve à frente de cadernos da *Folha de São Paulo* e, como eu disse, tem doutorado pela USP. No entanto, aqui não está escrito o que compartilhei com vocês, que ele é um autor que, justamente por estar revisando algumas teses muito assentadas, muito divulgadas no ambiente acadêmico, está escrevendo alguns livros, até por conta própria. Porque eu já li algumas outras coisas, eu tive facilidade de descobrir quem é o autor. E, quanto mais você ler, mais fácil é. Nem sempre a informação no livro vai ser suficiente.

O título e o subtítulo também precisam ser vistos, obviamente. Quando olhar para o título e o subtítulo, você precisa tentar interpretá-lo, precisa fazer um esforço. Neste caso, o título é "Nem céu, nem inferno - ensaios para uma visão renovada da história do Brasil". Em "nem céu, nem inferno", Caldeira pegou dois extremos da mentalidade religiosa, o extremo da bem-aventurança eterna, que é o céu, o local para onde, segundo nos ensina o cristianismo, as almas que receberem esse benefício de Deus, irão ficar durante a eternidade, e o inferno, onde as almas canalhas ficarão queimando pela eternidade. Caldeira usa esse contraste enorme querendo dizer que não precisamos escrever a história do Brasil defendendo que ela sempre foi uma maravilha e nem precisamos ficar zombando da história do Brasil, como muitos o fazer, como se tivesse sempre sido uma porcaria. Ele ainda acrescentou ao título a palavra "ensaios". Essa primeira palavra é um gênero literário inteiro. Se você conhece esse gênero literário, facilitou a leitura do subtítulo. O ensaio é um gênero literário criado por Montaigne. Vocês vão ler comigo os primeiros ensaios criados no mundo. Pelos menos, eles serão indicados. Que gênero literário é esse? É um gênero um tanto livre. Você faz uma investigação um tanto pessoal. Assim, tem muita personalidade. Por um lado, parece um artigo científico. Por outro, um texto de *blog*. Deu para entender? Tem muito de pessoal e, ao mesmo tempo, tem uma investigação. "Ensaio para uma visão renovada da história do Brasil" é aquilo que eu acabei de explicar sobre o autor. Caldeira quer renovar a visão acerca da história do Brasil, porque está achando que está sendo tratada ou como céu ou como inferno.

Muitos escritores ligados ao Instituto Histórico Geográfico do Brasil aderem a uma tendência muito importante da historiografia brasileira, muito carioca, aliás, e que

foi estimulada pelo próprio D. Pedro II, que é uma historiografia um tanto ufanista, a qual procura, muitas vezes, ver o céu, os grandes personagens, as grandes conquistas e efeitos, etc.. Isso não é o que a Brasil Paralelo faz, porque mostramos muitas porcarias da história do Brasil. No entanto, procuramos resgatar algo, porque a última moda é a do inferno. A moda do céu esteve presente no século 19 e no início do século 20. A partir de meados do século 20, houve uma mudança cultural muito intensa que fez com que a tendência fosse falar mal da história do Brasil, porque o bem estava por vir. Isso vai ficar mais compreensível ao assistir a 1964: o Brasil entre armas e livros. Aquelas pessoas que estavam escrevendo a história do Brasil eram os arautos do bem. Tinha-se que seguir aquelas pessoas para poder chegar no bem, no céu. Céu seria, na terra, algo parecido com o comunismo à brasileira. Nem todos os escritores que entraram nisso eram comunistas. Muitos seguiram a moda, a tendência. Muitos professores foram formados nessa onda.

Durante meu período de universitário, eu fiz questão de fazer estágio tanto em uma escola em uma região pobre, uma escola pública, quanto em uma escola privada de região nobre. Na minha experiência em uma escola privada, reputada, de Santos, havia um professor, ex-vereador, que era um comunista ostensivo. Ele não era um homem inculto, mas a maneira dele de falar em história do Brasil fazia com que ríssemos de suas aulas. Era uma maneira sempre debochada. Tudo foi errado e sempre alguém pisou na cabeça de alguém para tirar vantagem, sobretudo econômica. Há, aí, muitos pressupostos. O pressuposto de que a humanidade é assim, as pessoas fazem tudo para tirar vantagem econômica e é só isso na vida. Claro, não podemos tirar a economia das nossas vidas, não tem como. A economia é um dado da nossa vida, mas não precisamos dizer que tudo se faz por economia. Ele tinha esse pressuposto e o pressuposto da luta de classes, que aparece no “Manifesto do Partido Comunista”, que vocês vão ler comigo.

Essa tendência do inferno está mais presente hoje. É normal que as nossas apresentações deem uma tônica segundo o momento cultural. Ao mesmo tempo, é importante reequilibrarmos a maneira de enxergarmos o Brasil.

Esse livro me pareceu interessante e eu o comprei. Esses ensaios trazem visões novas mesmo a respeito da história do Brasil. Uma delas é que a democracia no Brasil é bem antiga. Quando estudamos a história da América, sempre nos dizem que a democracia é um evento antigo na América do Norte, nos Estados Unidos, porque as famílias que emigraram para lá criavam eleições. Só que o Caldeira prova,

com dados das nossas câmaras, que, no século 16, a primeira eleição das américas foi feita em São Vicente, no Brasil. Na América portuguesa, na verdade. Além disso, depois, mostra que tudo era decidido por eleições. Essa é uma descoberta extremamente interessante para pararmos de olhar para os Estados Unidos e afirmarmos que faz tempo que eles têm democracia e que nós não estamos treinados para isso. Jorge Caldeira demonstra que até pessoas analfabetas estavam lá, participando de eleições, sendo votadas e votando. Esse é o segundo capítulo da parte 1 “Pero Lopes de Sousa e a tradição democrática colonial”.

A leitura pessoal

Eu fui para o índice para mostrar algo que me chamou atenção. Eu mostrei para vocês a importância objetiva de um livro. Agora, vou mostrar um pouco da leitura pessoal. A leitura pessoal é algo que não necessariamente é de importância objetiva, mas você também deve ter perguntas muito particulares para fazer para o seu livro. Vocês viram que eu fui contando a história desse livro do Caldeira? O que eu queria com esse livro? Ele tem tudo a ver comigo. Ele está relacionado com o que estou investigando, com o que estou pesquisando e com algumas perguntas que faço. Que perguntas eu, Rafael Nogueira, faço? Primeiro, uma pergunta metodológica para o pensador da história. De que maneira eu posso levantar os fatos sem esquecer que, quando eu conto algo real, estou agindo na atualidade? Se eu enfoco só o que é ruim, eu vou ter um resultado social, político e até pedagógico. Se eu dou foco no que é bom, também. Então eu tenho interesse até como professor. Vi esse livro e pensei: que legal! E para você, que interesse ele teria? O que você buscaria em um livro como esse? Com isso, é possível entender que você não precisa ler as mesmas coisas que eu. Esse livro me interessa e diz muito respeito às minhas perguntas. Existe essa leitura pessoal. O professor Olavo de Carvalho diz que, muitas vezes, para você escolher os livros, é preciso pensar no que te motiva. Que livro você quer ler? Eu fiz uma grande introdução aqui para você querer ler os livros que eu vou indicar durante o curso, no decorrer das nossas conversas. Mas, se eu não te convenci, não precisa ler todos. Escolha um ou outro. Ou, leia o que te interessa. Se você está interessado em consertar motocicletas, compre um livro prático que o auxilie com isso. Isso ajuda, não só você a responder às suas perguntas pessoais, mas também a desenvolver esses conhecimentos que vão ajudar nas outras leituras e o hábito de ler. O hábito de ler é parecido, repito a analogia, com o hábito de fazer exercícios físicos. A leitura

tem que ser diária, isso é o ideal. Lemos muita porcaria nas redes sociais. Muitos me questionam se isso é válido como leitura. Mesmo que sejam escritos bons, não é suficiente.

Faremos um programa de leitura aqui. Esse programa é uma lista muito bem pensada para introduzir você nos vários momentos históricos da civilização ocidental. Além disso, é um curso de leitura, para você ter a capacidade de ler vários gêneros literários, espaçados pelo tempo de forma desigual. Mais, eu vou te mostrar um caminho que a civilização ocidental seguiu e aí vou te ensinar a ler. Isso é um objetivo muito claro. As leituras aleatórias que fazemos não nos trazem um aprendizado tão consistente quanto esse.

Se você pega um bom professor de universidade, ele vai lhe dar uma ementa logo no início do curso. Consta uma bibliografia, tem uma explicação geral. Ao ler a ementa, você já ficou mais inteligente. Muitas ementas de universidades públicas são gratuitas e estão disponíveis na internet. Eu indico que vocês deem uma olhada.

Eu tenho segurança para falar muitas coisas para o público inteiro do Brasil, não por ter estudado e lido tudo, mas porque fico procurando saber o que as pessoas, que estão nos centros e estudam os mesmos assuntos que eu, estão falando. Eu consigo a ementa da Unicamp sobre o pensamento brasileiro. Está lá de graça, com a bibliografia. Isso é muito bem estudado. É possível perceber se eles querem conduzir o estudo para um lado. Ao ler a ementa, eu penso: essa lista não está ideal. Eu sou capaz de notar que tem algo faltando ou sobrando, se só está presente um tipo de autor. Com isso, eu vou montando a minha lista. No meu instagram, quando eu abro para perguntas, muitas pessoas que me seguem me pedem uma lista de livros. Isso não é fácil. Às vezes, eu só conheço o nome da pessoa. Eu não sei o que indicar para ela. Aqui, eu estou propondo ajudar vocês a terem uma visão histórica da civilização ocidental. Vocês vão encontrar os grandes autores e eu vou ensinar a ler bem vários gêneros literários. Esses são os objetivos. Uma lista aleatória, como eu vou fazer? A pessoa nem sabe o que quer. Tudo isso para que vocês compreendam o lado da motivação da leitura pessoal.

Há a opção de você comprar a leitura de outra pessoa. Por exemplo: você vai estudar história na universidade e o professor propôs uma lista de leituras. Você compra aquilo, ou seja, você afirma que vai estudar junto com o professor porque os seus objetivos são os mesmos que os dele. Se não forem, você precisa fazer

complementos, modificações, ou não vai fazer aquilo bem. Você sempre vai estar sofrido, questionando por que você está fazendo aquilo.

O que adianta eu ficar dando lista para as pessoas? Eu preciso descobrir o que elas querem. Então, procurem estar comigo nesses objetivos.

Como complemento, há mais um bom objetivo no curso: ser uma espécie de curso de história também. Vocês aprenderam um pouco de história grega, de história romana, da história da antiguidade cristã, da história medieval, da história do pensamento medieval, da história moderna, de Portugal, da Espanha, da França, da Inglaterra, da América portuguesa, do Brasil. Sempre tangenciando as leituras. É um curso com objetivos muito grandes, a ponto de parecer que sou um aventureiro muito intrépido de querer tanta coisa assim. A máxima econômica de atingir o maior resultado com o menor esforço está sempre na minha cabeça, mesmo na questão intelectual.

As leituras e o aumento da inteligência

Isso é um pouco da leitura inspeccional e da leitura pessoal. Para leitura inspeccional, o segredo é ter mais informações. Quanto mais informação você tiver, mais fácil realizá-la. E, quanto mais leituras inspeccionais você fizer, melhor também. O Olavo costumava dizer que é mais culto aquele que leu muitos índices, viu muitas bibliotecas e conhece muitos nomes de autores do que aquele que pegou só um Kant, um Dante Alighieri e leu inteiro um só livro. Além disso, citava muito Leibniz, o qual afirma que o que mais traz inteligência é o maior acúmulo de figurinhas que você tem na memória. Eu consigo dar um exemplo a respeito disso. Pensemos em um assunto político. A situação é a seguinte: existe um líder e parte da sociedade mais poderosa está contra ele. No entanto, uma grande massa popular está com ele. Na sua mente, você tem exemplos disso nas cidades-Estado da Grécia, nos heróis de Plutarco, nos reis da Idade Média, nos grandes conquistadores e cavaleiros do início da época Moderna. Há exemplos dessa situação nos principados, nos romances e em contos que tratam dessa situação. Há, portanto, um monte de figurinhas. Daí, você pensa nas hipóteses do que pode acontecer e faz uma lista em sua cabeça, identificando-as. A pessoa que tem que imaginar tudo do zero, o que pode acontecer e o que não pode, é tão inteligente quanto você? Não é, de jeito nenhum. Neste caso, estou falando de uma circunstância política, porque descrevi uma situação que é comum a todos e que está acontecendo agora, na minha opinião. Contudo, o mesmo acontece

para a situação de um caso de amor. Se você leu os sonetos de Camões ou vários romances, você viu como os eventos se desenrolam. Aliás, para aprender sobre amor, Jane Austen é realmente boa. Eu recomendo. Como era uma mulher, acho que ela conseguiu aprofundar melhor nas personagens mulheres, então podemos conhecê-las bem pelos romances, porque conhecer bem mesmo não dá, é um daqueles mistérios insondáveis da realidade. Ao ler aqueles romances, Jane Austen deixa muito claro o que um conquistador, aquele tipo que maltrata as meninas, faz com o coração delas. Ela mostra a desgraça que é. Claro que era o século 19, na Inglaterra. Hoje é mais fácil de uma moça lidar com isso e se recuperar. De qualquer forma, você fica com mais clareza do que pode vir a acontecer e fica com mais clareza, também, de como as coisas podem dar certo. Você também perde aquele preconceito de que dinheiro não importa. Pela Jane Austen, dinheiro importa sim, não é um preconceito não. Isso demorou a entrar na minha cabeça. Depois eu vi que ser um mendigão conquistador é só no Titanic mesmo. Parece que na vida real não é tão legal assim. Enfim, essas figuras nos ajudam a visualizar as situações mais comuns com maior clareza.

Qual é a unidade?

Outro ponto a respeito do índice é que sua leitura é extremamente importante porque nos transmite a unidade, é uma visão que pelo menos o autor teve. Às vezes, o autor não tem uma visão tão boa da unidade. Este livro do Caldeira é composto por uma introdução, em que versa sobre as complexidades do conceito Brasil, e duas partes. Na parte 1 - figuras, Caldeira trata de personagens especiais da história, ou seja, é voltada às personalidades. Na parte 2 - país, Estado e poder, é mais voltada a questões políticas. Na parte 2, há um texto chamado “Os templários e o descobrimento”. É um texto interessante para quem assistiu à série Brasil - A Última Cruzada, pois pode ajudar a compreender alguns aspectos da história. Então, ao ler o índice inteiro, você tem uma boa noção do que trata a obra. Neste livro, Caldeira também fala do José Bonifácio e do Barão de Mauá. Depois, aborda a história resumida do voto no Brasil, algo muito importante. Por muito tempo, a votação no império foi mais democrática que a da República. Consta neste volume o lugar do empreendedor. Aliás, ele tem um livro inteiro sobre o lugar do empreendedor na história do Brasil, chamado “A história do Brasil com empreendedores”.

Com a leitura do índice, fica claro para você, primeiro, o que vai buscar neste livro, e, segundo, repito, a ideia de unidade. A busca pela unidade é um novo passo. Esse livro de história, por exemplo, é um conjunto de ensaios e a maior unidade são figuras e política. Muitos livros de história tem uma visão tão genérica quanto a história de Portugal ou a história geral do Brasil. Pior, a história do mundo. Como cabe tudo isso em um livro? Você precisa consultar o índice e identificar qual caminho o autor está seguindo. Nosso próprio curso “Titãs da Civilização Ocidental” é um caminho possível. Eu escolhi esse caminho porque julgo-o o melhor para trazer aprendizado, mas existem outros caminhos. Se seguissemos outros autores, podíamos fazer um um do marxismo até, selecionando todos os autores que não escolhi. Esse caminho começaria com Demócrito na Grécia. Depois, iremos para Lucrécio, em Roma. Na Idade Moderna, Roger Bacon. Na modernidade, Jean Jacques Rousseau e, posteriormente, Karl Marx. Com este percurso, você tem uma visão materialista da história da civilização. Deu para entender? O caminho que eu segui é o que acho o mais instrutivo possível. Alguns dos titãs que selecionei contrariam a minha visão, mas estão presentes porque acho isso positivo. O próprio Montaigne, escrevia maravilhosamente bem, mas é o criador de uma maneira de estudar antropologia que mais confundiu do que ajudou a esclarecer a verdade. Então, é preciso buscar a unidade.

Eu dei para vocês a unidade do curso nesta primeira aula. O sumário dá uma noção da unidade. Mas, e no caso de uma peça de teatro, como Romeu e Julieta? Cadê o índice? Em um romance grande, às vezes, os nomes dos capítulos ou das partes do livro podem ajudar. “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Os miseráveis”, citado anteriormente, tem isso. Mas você nem sabe os nomes dos personagens ou o que está acontecendo. Os títulos dos capítulos não vão te dizer nada. Como você extrai uma unidade desse livro então? Essa unidade fica difícil de alcançar sem a leitura. Essa unidade você só pode alcançar se ler uma sinopse ou se alguém te contar. Alguém te contar pode ser positivo, para você saber se vale a pena ler aquele livro. Claro, tem o problema dos *spoilers*, que muita gente não gosta, porque o outro pode te dar informações que, para você, na leitura, seriam muito impressionantes. Apesar disso, é uma forma de você saber se a leitura vale a pena e, quando é você quem faz o exercício de contar, você treina a tua capacidade de achar a unidade. A unidade, na literatura, é mais difícil. Em uma tese de filosofia, é mais fácil de enxergar a unidade pelo sumário. Nos livros de Aristóteles, a unidade não está clara no

sumário, mas você vai encontrar a unidade pela argumentação. Aristóteles vai dar pressupostos, explicar o significado das principais palavras, vai fazer raciocínios usando essas palavras e vai chegar a uma conclusão. Às vezes, ele apresenta no início um problema. Este é o problema que vai ser investigado e que tem algumas hipóteses de solução. Ele vai conduzir uma investigação para ver se chega a uma hipótese de conclusão. Os artigos científicos são todos assim.

Em uma peça de teatro, é o enredo que dá a unidade, não a argumentação. A palavra problema vem da raiz *próballein*, que significa lançar para frente. Uma investigação tem um problema. No enredo, não. É possível que haja um problema causado pelos personagens, mas aí tem outro sentido. Para achar a unidade, nestes casos, Adler recomenda ler duas vezes. Eu sei que o brasileiro não vai fazer várias leituras. Não precisa disso. Só que você tem que treinar. Se você vai ler e não quer *spoiler*, leia pela primeira vez e conte para alguém, porque isso te dá capacidade de dizer a unidade do livro, que é o segredo do enredo. Isso mostra que você conseguiu. Como se conta a unidade de “Odisseia”, um texto famoso do mito grego? Aristóteles o faz na “Poética”. Aristóteles dá uma lição de leitura superficial, essa de procurar a unidade. Sobre “Odisseia”, ele diz que basicamente conta a história do rei de Ítaca, Odisseu, que foi à guerra de Tróia, causando um transtorno com os Deuses, e teve dificuldade para voltar para casa. Ele consegue retornar ao seu reino, Ítaca, e se reabilitar, tendo que reconstruir a sua situação inicial, porque já havia pretendentes ao seu cargo e, inclusive, à sua colocação como marido de Penélope. Essa é uma maneira simples de contar a história. Esse é o enredo de um livro gigantesco.

Na Grécia, as peças de teatro, todas, eram conhecidas por todo mundo, pois eram oralmente transmitidas no mito grego. Então, se existia um Édipo rei na peça, todo mundo já sabia o que ia acontecer, não era novidade. Escritor bom é aquele que faz você sentir, mesmo você já sabendo o que vai acontecer. A leitura superficial, portanto, busca a unidade.

A leitura analítica

A leitura analítica, que é a difícil, busca a análise, o esquartejamento, a divisão, o segmento. Para isso, é preciso buscar as palavras principais. Isso é muito diferente em uma leitura de literatura imaginativa ou ficcional e em uma tese filosófica. Em “Metafísica”, do Aristóteles, para fazer a leitura analítica, você precisa ter o cuidado de encontrar as palavras-chave. Depois, ter o cuidado de encontrar as definições que o

autor mesmo faz, naquele livro, dessas palavras-chave. Esse é um erro básico dos maus leitores: colocar suas definições nas palavras que o autor está usando. Isso faz com que não entenda nada. É preciso chegar a um acordo com o escritor. Este usa a palavra em um certo sentido, não importa se você concorda com o sentido ou não. Para entender o que o autor fala, é preciso ler com a definição que ele deu. Em “Metafísica”, Aristóteles define conhecimento e tipos de conhecimento. A primeira frase do livro tem conhecimento “todo homem tende ao conhecer”. Para identificar essas definições, você tem algumas opções: anotar as palavras-chave e suas definições em um caderno; anotá-las em um arquivo de computador; sublinhar essas palavras e suas definições ou; rabiscar no livro. Não importa a forma, o fundamental é que você ache as palavras-chave e a definição que o próprio autor faz delas. Isso, no caso de uma tese, de um tratado. E no caso da peça de Shakespeare, Romeu e Julieta? Você precisa lembrar bem dos personagens, eles são as palavras-chave da literatura ficcional. Por isso, você precisa achar os personagens e construí-los, usando sua imaginação para construir sua fisionomia. No contexto dos tratados, o objetivo é descobrir o raciocínio deles, identificando as palavras-chave e suas definições. As definições, geralmente, são as proposições mais importantes, as frases centrais que, uma vez compreendidas, farão com que você compreenda os grandes raciocínios. Estes por vezes estão em grandes parágrafos, em parágrafos centrais. Daqui vem o fenômeno de pessoas que sublinham uma página inteira. Há quem sublinhe quase o livro inteiro. Isso não adianta. Você precisa sublinhar o que é mais importante. Se julgo que um parágrafo inteiro é importante, eu faço um risco do lado. Para lembrar onde está o raciocínio principal, você também pode dobrar um pouco a página. Achei a palavra importante, achei as definições importantes, esse parágrafo é o segredo do capítulo.

A crítica

Chegando ao centro das nossas conversas sobre leitura, tem o momento da crítica. Você não vai ter crítica se não analisar bem. Então, muito cuidado com essa busca de palavras, de proposições, de raciocínios. Na literatura imaginativa, não são só os personagens que importam, mas o cenário. Em “O mouro de Veneza” de Otelo, é preciso pensar o que era Veneza naquela época. Romeu e Julieta se passa em Verona. Hamlet na Dinamarca. Os contos de Machado de Assis estão situados no Rio de Janeiro, geralmente no Segundo Reinado. O cenário é extremamente importante.

O cenário de Senhor dos Anéis, por exemplo, foi inventado. Você tem que conhecer bem o cenário. O escritor construiu um mundo. Ele precisa explicar como é esse mundo. Isso é necessário para você poder entender. Além do cenário e dos personagens, tem também os principais fatos. Lembra que eu falei do principal argumento na parte da tese e do tratado? No caso dos livros ficcionais, você precisa encontrar os grandes eventos, porque esses grandes eventos serão usados para fazer a unidade ou para reelaborar sua crítica. Há também o caso da poesia lírica, que tem um mistério diferente. Tudo aquilo que eu mencionei no início da aula sobre ser a experiência do autor sendo transposta em palavras, no som, na rima e que, em você, vai tocar em certos aspectos. Esse é o negócio da poesia lírica. Às vezes, o eu lírico é uma invenção do autor. Ele não viveu aquilo, só experimentou imaginativamente. É aquele fingimento de que falava Fernando Pessoa. Outras vezes, o autor realmente viveu o que está contando. Camões é um exemplo de escritor que teve várias histórias amorosas. Ele era um aventureiro. Perdeu um olho em uma briga. Ele tem histórias de amor e de guerra para contar. Então, eu acredito que muito disso ele passou. Contudo, nada impede que você crie um poema que seja de um eu que você imaginou ou de uma experiência que você imagina que exista. A poesia tem alguns outros segredos. A épica é aquilo que eu falei da “Odisseia”. Ela segue mais ou menos os mesmos critérios da leitura imaginativa, só que, ao mesmo tempo, é feita em poema. Então, você vai aplicar muitas regras juntas. História é mais complicado de ler. As pessoas acham que é fácil, mas, na verdade, é uma das leituras mais difíceis, porque ora você precisa aplicar as regras que ensinei para ficção, ora as que ensinei para teses e tratados filosóficos. Se você for muito na onda da ficção, vai perder a parte científica da história e não vai perceber que aquela narrativa está sendo montada daquela forma justamente por causa dos pressupostos teóricos e filosóficos que antecipam a análise histórica. É preciso adequar a crítica ao tipo de gênero ao qual se está lendo.

Assim como tem a leitura pessoal, também existe a crítica pessoal. O tal gosto/não gosto. Ainda que muito superficial, isso faz sentido. Eu particularmente acho que as pessoas que leem mal são justamente as que tratam os livros como se fossem doces, salgados, alimentos. Eu não vejo problema de a primeira impressão ser perceber se a leitura foi agradável, legal, gostosa ou não, mas a análise não pode se resumir a isso. O que seria uma análise técnica, então? Digamos que você vai fazer uma crítica de uma argumentação, de uma filosofia. O autor definiu a palavra

assim como ele a explica. Muitas vezes, ele deixa isso muito claro. Aristóteles faz muito bem isso, embora os textos dele tenham sido anotações de diálogos. Platão busca a definição no diálogo quase o texto todo. Ao ter a definição, a primeira tarefa é identificar se ela faz sentido no resto do texto. Se o autor esqueceu o que ele mesmo definiu, há um problema lógico. Isso acontece. Peguem as teses de sociologia de hoje para vocês verem. Se você não prestar atenção, você fica mais burro, porque os sociólogos usam a palavra em um sentido e a definem de um jeito. Depois, a palavra aparece com um jeito que é do grupo deles. Todo mundo tem a carga emocional da palavra, mas ela não funciona mais. Segundo a definição anterior dada, aquele raciocínio não funciona. Erros de lógica como esse acontecem com frequência. Eu creio ter encontrado alguns erros de lógica nos textos do Marx. Ele define as coisas com um economicismo tremendo e depois afirma que a economia não move a sociedade como um todo. Só que ele também escreveu que a história é a história da luta de classes. Mas só existe esse tipo famoso de erro lógico, a contradição? Não, há também o erro na informação que o autor possui. Digamos que um pesquisador selecionou como tema o bem em Platão. Ele está falando como se a visão dele sobre o tema fosse original, só que ele não os grandes tratadistas de Platão, os principais pensadores, como Giovanni Reale ou Paul Friedlander. Essas leituras não constam em sua bibliografia. Você vai notar que falta alguma informação. Além de faltar informação, pode ser que a informação esteja errada. São coisas distintas. O autor pode ter lido o que era preciso, mas ter feito menção de forma um tanto alterada, no sentido de realizar paráfrases equivocadas, tomando a ideia do autor em outro sentido. Fazem isso o tempo todo com o Olavo de Carvalho. Você percebe que o escritor está mal informado. Não é que lhe falte informação, a informação está errada. Claro, às vezes também existe má fé e a pessoa torce a informação propositalmente. Então, tem que ficar atento a isso.

Na sua crítica, você tem que ver: a falta de lógica, a falta de informação, a informação equivocada. Em filosofia, em texto jornalístico, em tese, em tratado, em artigo científico. Tudo isso tem que estar junto.

Também há a questão da leitura pessoal. Pode ser que você não tenha encontrado o que você queria. Parecia que o livro ia fornecer a informação que você queria, mas você não a encontrou.

A crítica literária, ou seja, a crítica de literatura ficcional, é mais difícil. Eu convido vocês a lerem da seguinte maneira: um romance é a construção de um ou de

muitos personagens e os grandes fatos no relacionamento entre eles. Um romance, em geral, é grande. Ele mostra um lapso de tempo bem amplo. Por isso, mostra uma personalidade se desenvolvendo e desabrochando. Eu convido vocês a prestarem atenção nisso: a construção dos personagens; como eles mudam diante de certas circunstâncias. Como fatos, eventos ou atos, voluntários, transformam vidas e influem nas vidas alheias. Procurem as lições. Um romance pode trazer um prazer momentâneo, como aquele sentido com as novelas. Neste caso, julga-se se o romance é ou não legal. Pode-se ser que haja mistérios para descobrir na obra, como o responsável pelo assassinato de um personagem. No entanto, você pode retirar realmente lições de vida desses romances. Os grandes escritores são muito mais do que simplesmente redatores de novelas de entretenimento. Acumule essas experiências vitais que eles fornecem.

Os contos, por sua vez, não são construções de personagens, pois falam do personagem muito rapidamente. O foco dos contos está em um fato específico. Você tem que prestar bastante atenção. Às vezes, é uma observação psicológica do autor, uma observação de um fato muito corriqueiro da vida ou de um mistério, que ninguém soube dizer e ele soube. O conto é uma coisa muito específica. Ele não constrói as personalidades, ele já mostra tipos, ou seja, são tipos mais comuns, geralmente. Quando é um tipo incomum, ele também mostra as dores ou as vantagens de ser aquele tipo incomum. Muitas vezes, são tipos que se chocam com situações interessantes e muito raras de se observar. Cito como exemplo o conto “Um homem célebre”, do Machado, um dos meus favoritos.

Machado mostra um personagem muito culto, um músico exímio, que fica aborrecido pelo fato de não conseguir desenvolver uma música à altura de seus estudos. Ou seja, ele não consegue fazer uma música como Beethoven o fazia. Ele só consegue compor musiquinhas de dança. Eu não vou dizer o resto para que vocês leiam, pois há um drama específico ali.

A análise tem muito mais segredos. Eu recomendo que, posteriormente, vocês leiam críticas literárias. Há algumas maravilhosas. Mas, como um primeiro encontro, está bom.

A leitura sintópica e as listas

O final seria a leitura sintópica, que é quando percebemos que um livro encontra com outro. Quando isso ocorre, há a famosa intertextualidade dos

professores de literatura, mas é mais profundo do que isso. Sintópico vem do grego *syn*, que significa junto. *Tópos* é lugar. Então, tudo junto no mesmo lugar. Os livros se reúnem quando você tem um objetivo e esse objetivo é muito claro, que é aprender algo. Esse é o segredo das listas. As listas naturalmente vão vir. O termo sintópico foi criado pelo Adler. Olavo chama isso de mapeamento da ignorância. Você seleciona um tema e lista todos os livros e autores que o estudaram. Com isso, você se dá conta de quanto é burro. Você transforma essa lista em uma biblioteca física. Os livros ficam na sua estante lhe dizendo o quanto você é burro, mas te convidando a ler. Você deve escolher um tempo só. Peguemos o conservadorismo como exemplo. Você deve escrever todos os livros que você conhece que tratam do assunto. A lista vai ser enorme. Com essa sensação de burrice, você vai parar de falar bobagem. Às vezes, as pessoas pegam as palavras e falam só por ouvir dizer, sem estar a par com os grandes autores que escreveram a respeito. No mínimo, é preciso ler Burke. No caso do Brasil, João Camilo de Oliveira Torres. Isso é só começo, porque há os autores contemporâneos, mais famosos atualmente, como Scruton e Peterson. A lista aparece na leitura sintópica.

Para mim, o livro do Burke, “Revolução em França”, é um clássico. No entanto, esse nosso encontro é uma grande introdução aos clássicos, então não é possível estudar tudo. Fazemos aqui uma introdução geral aos clássicos, introdução geral à história, à maneira de ler os vários livros.

Você já parou para pensar em fazer uma lista de um assunto que te interessa? Você faz uma lista dos principais livros, os clássicos, desde a Grécia Antiga ao presente, de temas como democracia ou progresso. Eu só não coloco China, Índia e civilização islâmica porque tenho um limite e não sei sobre esses assuntos. Naturalmente, eu só posso ensinar o que eu sei. Por isso, vamos estudar o conceito de comunidade política, de Estado, no Ocidente, reunindo os grandes clássicos e até os grandes autores contemporâneos. Você vai ver que você não sabe muita coisa. Esse é um ótimo começo. Essa leitura sintópica. A nossa reunião de livros para cá, é, repito, a melhor introdução aos clássicos que eu encontrei, muito baseada no Adler, no Olavo e na minha experiência.

Breve revisão

Então, vamos fazer uma breve revisão. A leitura inspeccional é a análise básica. Recomendo até você abrir o livro e ler algo aleatoriamente. Você também pode

verificar o índice, ver se algo lhe interessa e ler esses trechos específicos, após analisar a capa, a contracapa, etc... A leitura superficial é a busca da unidade. Você precisa ser capaz de contar para alguém do que trata o livro. Se você não responde bem a pergunta “do que trata o livro?”, você não leu bem.

Depois, a análise. Segmentar em partes. Entenda o esqueleto pelo sumário e, ao mesmo tempo, entenda os argumentos, as principais palavras, as principais definições. No caso da leitura imaginativa e épica, defina bem os personagens, o cenário por trás deles e os principais eventos. Para ler história, é preciso cruzar as duas técnicas. De acordo com o necessário, aplique ou a técnica mais filosófica ou a técnica mais imaginativa.

Ao fazer a crítica do livro, é preciso observar muito a lógica. Por isso, fique muito atento ao uso que o autor faz das palavras.

Para discutir, você precisa saber o que a pessoa entende por tal palavra. Muitas vezes, só pela definição atribuída, a pessoa está contrariando a si mesma. Há a falta de informação, por as pessoas geralmente não terem lido os principais livros a respeito. Existem casos em que o problema está em informações erradas, seja por deformação das informações seja por má intenção.

No caso da leitura pessoal, você precisa se questionar que perguntas você tem para buscar naquela leitura. Essa pergunta foi respondida? A leitura te trouxe prazer? Foi sofrida?

E, por fim, a leitura sintópica. Você consegue definir um tema de estudos e fazer sua lista?

É isto que eu tenho ajudado muitas pessoas a fazerem.

PERGUNTAS

- 1) Como posso fazer para criar um ambiente intelectual no meu dia a dia onde possa estimular minha inteligência e meu intelecto?

Se você quer ser um intelectual, eu recomendo um outro livro do Sertillange, chamado “A vida intelectual”. Ele vai te ajudar muito a criar esse ambiente. Se você fala em intelectual porque você quer desenvolver sua inteligência no sentido que eu falei, que serve para toda e qualquer pessoa, eu recomendo que você adquira coisas que façam que o seu ambiente físico te convide a isso. Livros próximos, alguma beleza, elemento de papelaria para escrever, computador, coisas físicas, e coisas emocionais também. Ler e reler livros favoritos. E também selecione amigos para

conversar. Tem amigos que só servem para te emburrecer, gastar o teu dinheiro e para te meter em roubadas, coisas que você vai se arrepender depois. Fique mais perto dos amigos que vão te ouvir falar dos assuntos sobre os quais você está estudando e seja também ouvidos. Ouça o que os amigos estão lendo e, às vezes, leiam juntos. Esse curso é uma oportunidade.

A elevação cultural dos ambientes pode acontecer também. Você se reúne com uns amigos e você vê que eles também gostam dessas coisas, mas quando vocês se reúnem só vem besteira. Faça um esforço. Segure o excesso de besteira e traga assuntos melhores. É um trabalho de elevação cultural dos ambientes. Na família também. Vai tentando. Só não recomendo encher o saco das pessoas que claramente não estão a fim. As pessoas são livres. Quando elas não estão a fim, não vale a pena encher o saco.

- 2) Quando o senhor recomenda se habituar a ler de 10 a 30 páginas por dia, isso é independente do livro? Como tratar um Aristóteles e um “pai rico, pai pobre” com essa mesma medida? São níveis de dificuldades distintas e pode ser frustrante não atingir o número de páginas e desestimular quem tem o hábito da leitura.

Eu estava me referindo aos livros recomendados por mim. Eu sempre recomendo que, em uma primeira leitura, você não precisa entender 100%. O principal da primeira leitura, do primeiro contato, é a unidade. Você precisa saber de onde ele está partindo e para onde ele está indo. Para a análise, se você tiver paciência, faça uma segunda leitura.

O brasileiro quer fazer tudo ao mesmo tempo, buscar a unidade e realizar a análise e a crítica. Quem é treinado consegue fazer. Se você perceber que não dá, busque a unidade.

“Metafísica” do Aristóteles, por exemplo, você pode não entender bem, mas perceber que ele está mesmo querendo definir que tipo de conhecimento é esse superior, esse conhecimento dos sábios, essa sabedoria. Ao perceber que ele está tentando definir isso, você já pegou o assunto e você vai começar a ver a unidade. Isso é o principal, é a primeira coisa que você tem que pegar. Pegou a unidade, você pode ler e reler quantas mil vezes você quiser, que aí você vai encontrando os pedaços.

Os textos de filosofia, existe um momento em que você chega, em que o ideal, na verdade, é ir além até da análise. É o negócio que o Olavo ensina quando você

pega um texto de filosofia muito importante - o que nem todos são. O Olavo recomendava um texto do Louis Lavelle, um de seus mestres, para fazer isso. Você pega um livro do Lavelle e lê um parágrafo só. Você lê e relê esse parágrafo, tentando visualizar aquilo da forma mais concreta possível. Fixa isso na cabeça: essas 10 a 30 páginas são um convite a continuidade do hábito de ler. Se o texto é tão denso quanto “A política” de Aristóteles ou “Metafísica”, busca se aproximar das 10 páginas. Se o texto é tão *light* quanto “Pai rico, pai pobre”, busca se aproximar das 30 páginas ou passar, se isso for tranquilo. E o hábito vai vir assim.

3) Professor, como você acha que um clássico impacta uma sociedade e atua numa cultura e como eles podem ajudar no Brasil de hoje?

Um clássico vivo, que ainda não passou pelo teste do tempo, às vezes não impacta nada. O Aristóteles teve sua escola e impactou momentaneamente, só que ele ficou esquecido por duzentos anos. Depois, seus livros foram encontrados em uma adega em Roma. Passaram a lê-los a ponto de ele ter se tornou quase um parâmetro literário em Roma, mais literário do que científico. Posteriormente, na Idade Média, os textos literários do Aristóteles foram perdidos - não foram achados até hoje - e ele virou um parâmetro de lógica. Ele influenciou séculos, séculos e séculos de maneira diferente.

Agora, a tua pergunta foi para hoje. Isso tem a ver com o convite inicial que eu fiz e com a próxima aula. Eu acho que você aprender a ler os livros clássicos te educa e te ensina a se autoeducar para o que você quer. Você viu que a minha aula foi dando algumas técnicas, ensinando a você descobrir o que você mesmo quer, a fazer suas próprias perguntas, a reunir listas de livros. Eu estou ensinando você a sozinho se autoeducar. E como nossa educação está em plena crise, para mim isso aqui é uma das saídas mais lógicas para os adultos e para os adolescentes maduros. Como os clássicos são as grandes mentes, se você equaliza sua visão sobre um assunto segundo um clássico conseguiu expressar em um livro, você necessariamente ficou mais inteligente, com menor esforço do que ele teve para descobrir as coisas. É uma maneira muito melhor do que o construtivismo, que coloca alguns problemas existenciais para a pessoa ir resolvendo aos poucos.

4) Muito do contato que eu tive com pessoas que traziam essa visão de como ler melhor, de como absorver melhor o conhecimento, sempre traziam um ponto que até esperei que o senhor fosse comentar, de conhecer profundamente o contexto histórico do autor, onde ele está inserido, e as influências que ele

absorve, porque tem situações em que, se a gente não conhece o contexto, a gente não conhece onde o autor está inserido, a gente não conhece exatamente o que estava acontecendo na cabeça dele naquele momento. Eu queria entender a sua visão acerca desse ponto da leitura.

Ótima pergunta que me permite expor uma coisa que para nós é tão óbvia que esquecemos de falar. Mas é necessário. O didatismo exige que a gente expresse. O contexto histórico é absolutamente necessário. Muita gente diz “tal autor era um homem de seu tempo”. É uma frase muito corriqueira. Não é só por isso, porque ele é fruto do tempo dele, mas para explicar o que, no tempo dele, o condicionou ou o influenciou. O que é condicionar? É impossível o Montaigne, no século 17, ter tomado notas em um *smartphone*. Ele não escreveu algo indo para algum lugar, comunicando-se com outras pessoas ao mesmo tempo. Montaigne está condicionado pelas limitações técnicas. Mas ele também está condicionado pelo que ele leu, pelo que ele estudou e pelos professores com quem ele aprendeu. É muito interessante a gente mostrar como Aristóteles estudou com Platão, de que forma foi esse contato direto, porque não era só com Platão, a Academia tinha vários professores, e muitas vezes o Platão viajou. Os professores eram diferentes. E Aristóteles aprendeu um pouco com esses professores e um pouco com o pai dele e um pouco com Platão. E eu vou mostrar isso. Eu vou contar a história da Grécia para mostrar até em que época de Atenas eles estão, no caso, eles estão na decadência, e de que forma essa dificuldade econômica, mas, ao mesmo tempo, o esplendor de beleza que eles já tinham atingido, também influenciou no pensamento. É absolutamente necessário mostrar o contexto histórico. Repito, não porque nós sejamos 100% fruto. Nós temos liberdade para escolher parte do nosso destino. Nós não somos só, de forma fatalística, conduzidos pelo que está à disposição, mas nós somos condicionados por muita coisa.